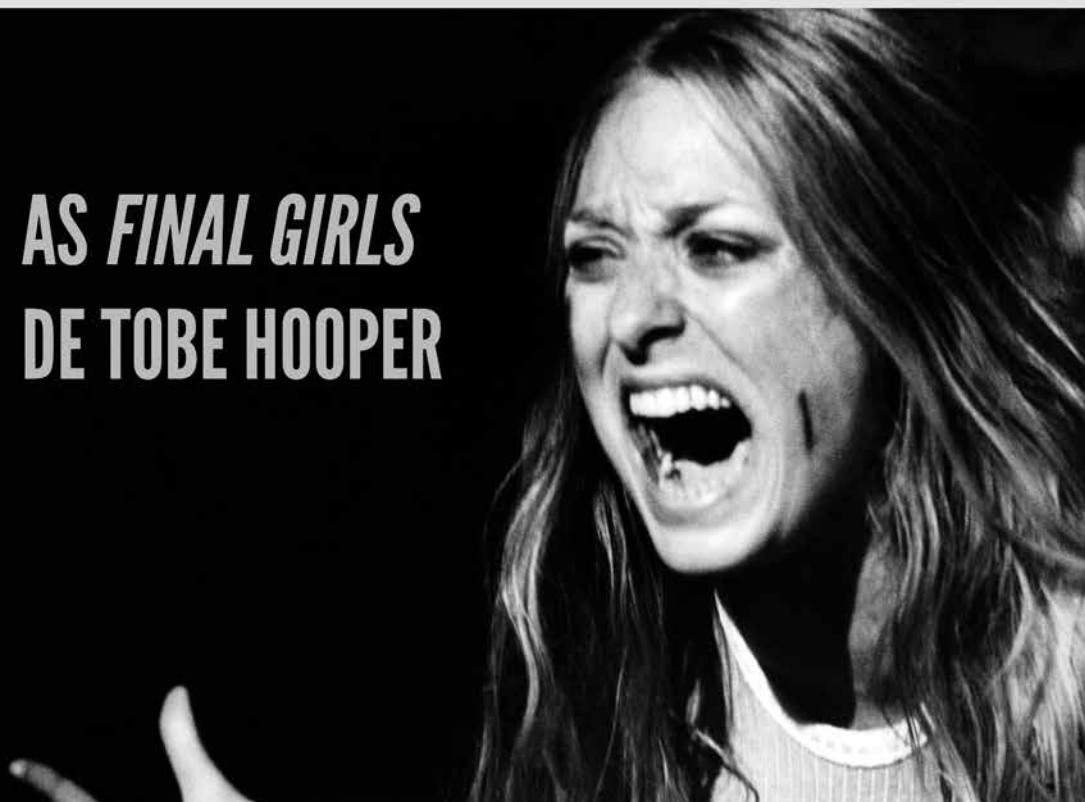




POR ALEXANDRE MAGNO

***AS FINAL GIRLS***  
**DE TOBE HOOPER**



**TOBE HOOPER** sempre perseguiu sua obsessão de construir uma experiência estética renovada, para isso elege um gênero, o horror, com o qual flerta timidamente em seu primeiro longa, *Eggshells* (1969), para depois deslanchar em uma carreira onde a apropriação e compreensão do gênero é sempre transmutada para sua visão ímpar de mundo e representação do horror.

Com isso em mente, há de se chegar a comparações entre os filmes de Hopper e o objeto dentro do horror que lhe interessa estudar. Há dentro do horror o subgênero *Slasher*, onde tradicionalmente os enredos giram em torno de assassinos inumanos que perseguem avidamente suas vítimas, dentre elas encontra-se a *final girl*, personagem virtuosa que será, como a designação sugere, a última vítima a sucumbir ao perseguidor ou mesmo a única sobrevivente ao final. Em seu trabalho que mais se aproxima de ser um filme de gênero tradicional (digo isso com muitas ressalvas), *Massacre da Serra Elétrica* (*The Texas Chain Saw Massacre*, 1974), a *final girl* Sally Hardesty (Marilyn Burns) é a única de seu grupo que sobrevive a um ataque de Leatherface e consegue sair viva da casa da família, mesmo que coberta de sangue e tendo de observar a estranha dança do antagonista, ficando claro a seu comprometimento com aquele espaço e sua reação agressiva contra qualquer força estranha que tente profaná-lo. A razão de ver neste filme um contato com as tradições do gênero está na aproximação da figura de Leatherface com o assassino tradicional do *Slasher* e pela figura da *final girl* que sobrevive amedrontada.

Já nesse filme, Hooper deixa bem clara sua abordagem fundamentalmente diferente do mal retratado pelo gênero, não se tratam,

como nos *Slashers*, de figuras que encarnam o mal, mas de figuras tragadas por esse mal e impelidas a agir por influência deste que se encontra nos espaços que estes “assassinos” habitam, é aí que reside sua grande diferença de postura e a evidência mais clara disto se vê na trajetória trágica do que chamaremos de *final girl Hopperiana*.

Estando o mal em Hopper contido nos espaços, os embates dos filmes serão travados não entre Assassino e *final girl*, mas entre o espaço e seus agentes (figuras que lembram os assassinos de *Slasher*, mas não passam de marionetes) contra a *final girl*. A postura destas personagens ao longo dos filmes de Hopper apresenta certa progressão rumo ao caos e a descrença completa de redenção daquele meio, culminando em um estranho flerte da *final girl Hopperiana* por eles.

Em *Pague Para Entrar, Reze Para Sair* (*The Funhouse*, 1981) a personagem Amy Harper (Elizabeth Berridge) estabelece desde sua chegada ao parque um atento estudo das atrações que a rodeiam, em alguns momentos ela concentra-se em observar aquilo que seus colegas ignoram. Mais à frente, quando todos os demais estão mortos e ela se vê encurralada pelo monstro já dentro das engrenagens da Funhouse, é novamente através de um minucioso estudo dos “mecanismos” daquele lugar maldito, começando a compreender, o que lhe possibilita sacrificar o monstro no seu lugar. Ao final, após sair da casa, vemos uma *final girl* completamente exaurida tendo de observar o triunfo daquele espaço, que a caçoa (o boneco da mulher gorda em frente ao brinquedo gargalha). Essa espécie de cumplicidade com o mal será levada ao extremo ao longo da carreira de Hooper.

Lisa (Cynthia Bain), em Combustão Espontânea (*Spontaneous Combustion*, 1990), e Stretch (Caroline Williams), em Massacre

da Serra Elétrica 2 (*The Texas Chainsaw Massacre 2*, 1986), se envolvem mais diretamente e intimamente com as forças sinistras que as cercam, Stretch chega mesmo a assumir a postura de Letherface, reproduzindo a dança macabra que encerra o primeiro filme da franquia. Eis o ponto que mais desolador a que chegam as personagens e a visão de Hooper, a maior tragédia talvez não seja ser destruído pelo mal, mas ser cúmplice dele, corromper-se aos poucos e tornar-se agente dele da mesma maneira que os “monstros” e “assassinos” que a heroína temia no começo dos filmes.

Enfim, há a Sherry Quelette (Vanessa Pike), de *Mangler: O Grito de Terror* (*The Mangler*, 1995), que deverá ser sacrificada para a continuidade do pacto que seu tio mantém com a máquina que o domina. Isso quase acontece e, após um confronto, a máquina parece ser destruída. Qual não é a nossa surpresa (e a do protagonista, vivido por Ted Levine, que a ajuda a escapar da máquina) quando descobrimos que ela não estava rompendo, mas compactuando com aquele meio decrépito (cedendo inclusive uma parte de si para selar o pacto), revertendo assim completamente sua postura, que é demonstrada por Hooper através de dois planos emblemáticos de seu estilo de encenação.

Antes, vítima e explorada pelo meio, Sherry é uma mera funcionária da lavanderia do tio. O plano de grua que abre o filme parte do capataz gritando ordens na parte de cima da fábrica, em um movimento de câmera descendente a máquina e suas engrenagens nos são apresentadas e por fim, em um discreto plongê, vemos Sherry empurrando um carrinho com lençóis sujos. Alguns planos depois, a figura sinistra do tio de Sherry aparece acima das escadas. Uma escala hierárquica brutal e cruel.

Depois, ela se torna a exploradora em troca de autopreservação, seu tio não conseguiu cumprir com sua “obrigação” de oferecê-la de oferenda para a máquina e foi consumido por ela. Sherry assume seu lugar, sua corrupção é selada com a perda de um dedo e o plano que revela isso é uma grua que faz o movimento inverso do começo do filme. Ela parte do rosto de Ted Levine (o policial que tentou ajudá-la), mostrando todos os trabalhadores ao redor da máquina em um ângulo ligeiramente alto e finalmente alcançando-a no alto das escadas, no mesmo lugar que antes o tio ocupara, plano emblemático do papel trágico da *final girl Hooperiana*, ocupar o lugar que antes pertencia aos “monstros”.



TED LEVINE E VANESSA PIKE EM *THE MANGLE* (1995)